

A excelência acadêmica entorpecida

Germano Borges & Leonor Lima Torres

Resumo

A versão elitista da excelência acadêmica que tem vindo a predominar no sistema educativo é aquela que a define como um desempenho excecional, uma qualidade distintiva de poucos que transcendem a norma da performance satisfatória, associada à ideia de que os estudantes reconhecidos por mérito escolar e integrados em “Quadros de Excelência” situam-se à margem de descontinuidades escolares, na lógica de uma excelência para memória futura. A visão romantizada do ideal performativo tem vindo a produzir efeitos nebulosos nas trajetórias estudantis, exacerbando a pressão naqueles que aspiram manter-se no patamar da excelência. Este artigo pretende analisar o percurso académico e a transição para o ensino superior dos “melhores alunos” dos cursos científico-humanísticos da escola pública portuguesa. Enquadrado numa pesquisa de doutoramento que envolveu mais de 400 estudantes, este artigo centra-se na análise das classificações no ensino superior de 142 destes alunos e de depoimentos em inquérito por questionário e entrevista. Os resultados evidenciam os efeitos de uma narrativa unidimensional da excelência, fortemente sustentada em lógicas “resultadistas”, com a excelência conquistada a revelar-se temporária e desfasada dos padrões de excelência exigidos no ensino superior.

Palavras-chave:

excelência académica; meritocracia; percursos estudantis

Dulled Academic Excellence

Abstract: The elitist version of academic excellence that has come to predominate in the educational system is that which defines it as exceptional performance, a distinctive quality of a few that transcends the standard of satisfactory performance, associated with the idea that students recognized for academic merit and integrated in "Frameworks of Excellence" are situated on the margins of academic discontinuities, in the logic of excellence for future memory. The romanticized vision of the ideal performance has been producing nebulous effects on student trajectories, exacerbating the pressure on those who aspire to remain at the heights of excellence. This article seeks to analyse the academic path and the transition to higher education of the "best students" from the scientific humanistic courses of the Portuguese public school. As part of a doctoral research involving more than 400 students, this article centres on the analysis of the higher education rankings of 142 of these students and their testimonies in a survey obtained by questionnaire and interview. The results show the effects of a one-dimensional narrative of excellence, strongly sustained by "results-oriented" logics, achieving an excellence that proved to be temporary and out of step with the standards of excellence required in higher education.

Keywords: academic excellence; meritocracy; student pathways

L'excellence académique ternie

Résumé: La version élitiste de l'excellence académique qui a fini par prédominer dans le système éducatif est celle qui la définit comme une performance exceptionnelle, une qualité distinctive de quelques-uns qui transcendent la norme de performance satisfaisante. Celle-ci est associée à l'idée que les étudiants, reconnus pour leur mérite académique et intégrés dans les « Tableaux d'Honneur », se situent en marge des discontinuités scolaires, dans une logique d'excellence pour la mémoire future. La vision romancée de l'idéal performatif produit des effets nébuleux sur les trajectoires des étudiants, exacerbant la pression sur ceux qui aspirent à se maintenir au niveau de l'excellence. Cet article vise à analyser le parcours académique et la transition vers l'enseignement supérieur des « meilleurs élèves » des filières générales de l'école publique portugaise. Dans le cadre d'une recherche de doctorat impliquant plus de 400 étudiants, cet article porte sur l'analyse des classements de l'enseignement supérieur de 142 de ces étudiants et de témoignages donnés lors d'une enquête menée par questionnaire et entretien. Les résultats montrent les effets d'un récit unidimensionnel de l'excellence, fortement soutenu par des logiques de « résultats », l'excellence atteinte s'avérant temporaire et en décalage avec les standards d'excellence requis dans l'enseignement supérieur.

Mots-clés: excellence académique; méritocratie; parcours scolaire des élèves

La excelencia académica aletargada

Resumen: La versión elitista de la excelencia académica que ha predominado en el sistema educativo es aquella que la define como un rendimiento excepcional, una cualidad que distingue a los pocos que trascienden la norma del rendimiento satisfactorio, asociada a la idea de que los estudiantes reconocidos por su mérito escolar y que forman parte de los "cuadros de honor" se encuentran al margen de discontinuidades escolares, según la lógica de una excelencia perdurable. La visión romantizada del ideal del rendimiento ha producido efectos difusos en las trayectorias de los estudiantes, exacerbando la presión sobre aquellos que aspiran a mantenerse en el plano de la excelencia. Este artículo se propone analizar la trayectoria académica y la transición a la enseñanza superior de los "mejores alumnos" de los cursos científico-humanísticos de la escuela pública portuguesa. Inscrito en el marco de una investigación doctoral en la que participaron más de 400 estudiantes, este artículo se centra en el análisis de las calificaciones en la enseñanza superior de 142 de estos alumnos, y en los testimonios recopilados a través de cuestionarios y entrevistas. Los resultados ponen de manifiesto los efectos de una narrativa unidimensional de la excelencia, firmemente sustentada en lógicas «resultadistas», donde la excelencia alcanzada se revela temporal y alejada de los estándares de excelencia exigidos en la enseñanza superior.

Palabras clave: excelencia académica; itinerarios estudiantiles; meritocracia

Introdução

A versão da excelência acadêmica que tem vindo a predominar no sistema educativo é aquela que a define como um desempenho excecional, uma qualidade distintiva de poucos que transcendem a norma da *performance* satisfatória. A versão elitista da excelência acadêmica tem como finalidade medir desempenhos individuais e institucionais e estabelecer hierarquias, não se questionando os efeitos colaterais que a conceção dominante tem provocado no interior das instituições e nos seus agentes. Neste enquadramento, as cerimónias públicas de celebração “dos melhores alunos”, uma prática que tem vindo a expandir-se em todos os níveis de ensino, tendem a validar institucionalmente a ideia de que os estudantes reconhecidos por mérito escolar e integrados em “Quadros de Excelência” pertencem a uma espécie de elite escolar, com o “dom natural” para o sucesso, numa espécie de elogio à inteligência de base eugénica. O culto da excelência, quando traduzido numa prática intencional, diária e intensiva definida numa base individual de esforço e talento, tende a deixar marcas nas trajetórias estudantis, uma vez que responsabiliza o/a aluno/a pelo desempenho presente e futuro. O elogio da individualização na excelência tende a promover uma autorrepresentação de “aluno referência”, “imune” a tensões, dilemas e disrupções escolares (Vieira, 2014), na base do ideal “uma vez excelente sempre excelente”, de vaticinação de um futuro promissor.

A visão romantizada do ideal performativo, a “ilusão meritocrática” (Mijs, 2016) e o “individualismo hipercompetitivo” (Feigenbaum, 2021) têm vindo a produzir efeitos nebulosos nas trajetórias estudantis, exacerbando a pressão naqueles que aspiram manter-se no patamar da excelência acadêmica no ensino superior. A pressão para alcançar elevados desempenhos é um dos aspetos significativos na prevalência da depressão e ansiedade em estudantes universitários, observável em comportamentos de desmotivação, baixos níveis de produção e eficiência académica, lentificação do pensamento e dos movimentos, falta de criatividade, menor propensão ao risco, dificuldades de concentração, baixa autoestima, autocrítica desproporcional e evitamento social.

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a transição dos alunos de excelência no ensino secundário para o ensino superior, e, em específico, indagar se este grupo específico de alunos, com classificações iguais ou superiores a 18 valores no ensino secundário, mantêm idêntico desempenho académico no ensino superior. Procuram-se explorar duas hipóteses centrais: i) Uma possível descontinuidade entre o estatuto de excelência granjeado no secundário e o desempenho académico no ensino superior, na lógica da “efemeridade do triunfo” (Torres & Palhares, 2016); e ii) a excelência erigida no secundário como marca preditora da preparação dos distinguidos face aos desafios probatórios do trabalho escolar no ensino superior, designadamente quanto às exigências de ritmo, intensidade no estudo e complexidade dos conteúdos.

As “texturas” da excelência acadêmica

À semelhança do que acontece no panorama internacional, os rituais da distinção do mérito escolar encontram-se em expansão no sistema educativo em Portugal. O léxico da distinção é alargado, contemplando uma diversidade de expressões – quadros de excelência, quadros de valor, bolsas de mérito, louvores de mérito, menções de mérito, certificados de mérito, menções de excelência, menções honrosas, títulos de mérito, diplomas de mérito, diplomas de louvor, diplomas de honra, quadros de honra, livros de honra, quadros de mérito. Não obstante as diferentes terminologias plasmadas nos documentos orientadores das escolas e agrupamentos de escolas, a realidade é que estes instrumentos premeiam fundamentalmente as classificações obtidas pelos estudantes nas avaliações internas, ou seja, é o mérito académico que predomina na prática efetiva da distinção (Torres et al., 2017). Prevalece, assim, uma visão “resultadista” do mérito, com a missão da escola ancorada às classificações, descurando as dimensões mais democráticas da educação. De entre as variantes da missão da escola pública, a integração de todos, a “Mais Escola”, tem vindo a perder terreno para a distinção dos melhores, a “Melhor Escola” (Torres & Palhares, 2014).

As organizações escolares fazem uso dos mecanismos de distinção para premiar aqueles que combinam talento, esforço e desempenho, num processo de *marketing* institucional associado à ritualização da excelência académica (Torres et al., 2019), desvalorizando e naturalizando algo há muito estudado, a relação entre recursos culturais e sucesso académico e a não aleatoriedade da distribuição do mérito escolar. A recompensa do mérito na escola tem como principais fontes originárias o primado do individualismo que trespassa as sociedades contemporâneas, fomentado pelo modelo neoliberal, e, paradoxalmente, as expectativas de maior justiça e igualdade encetadas pelas classes populares na exigência crescente à escola para que esta reconheça e valorize institucionalmente o esforço, empenho e desempenho académico dos filhos.

A versão elitista da excelência académica define a qualidade educacional como algo quantificável passível de ser medida numa escala, fazendo por ignorar a qualidade educacional como grandeza de algo singular merecedor de apreciação. Neste sentido, o desempenho de excelência é percebido como uma superior qualidade, em vez de se caracterizar como manifestação intrínseca da qualidade (Hernández i Dobon & Martínez Morales, 2014). A ênfase conferida pela escola à dimensão cognitiva da excelência, traduzida em mecanismos de distinção e rituais cerimoniais públicos, tende também a enformar os percursos estudantis na lógica de uma intensificação da seletividade social, por via do aumento da competitividade escolar nos alunos que frequentam as áreas científicas de acesso aos cursos mais prestigiados no ensino superior.

Os imperativos da comparação e da mercadorização que moldam e subordinam comportamentos e os modos de atuação ao culto da performatividade têm vindo a

intensificar a dependência da educação e as questões educacionais e pedagógicas de propósitos relacionados com a economia, o mercado de trabalho, o sistema produtivo, o empreendedorismo e a competitividade, numa ilustração de “economismo educacional” (Lima, 2011). Intensifica-se o pensamento ideológico sobre a missão da escola, alimentado pela criação de perfis de alunos competitivos, de alto rendimento, dotados de competências eficazes, alinhados às pretensas exigências da economia e do mercado de trabalho, secundarizando as dimensões da intervenção cívica e solidária e o pensamento crítico humanista (Lima, 2005). A escola como um mero campo de formação para o mercado de trabalho (Mijs, 2016), enfatiza a “ditadura do útil” e faz com que os estudantes desvalorizem ou não atribuam sentido aos conhecimentos catalogados como sem utilidade, elevando a probabilidade de a escola estar a formar indivíduos utilitaristas.

A busca pela excelência tende a nublar por definição, que estamos diante uma competição, em que há mais perdedores do que ganhadores (Duru-Bellat, 2010). A referência à excelência acadêmica exige problematização e demarcação do seu campo teórico, pois na realidade, aquilo que está em causa não é a excelência em sentido amplo, mas as excelências em ação na escola (Cortesão et al., 2007). Há que reconhecer que a excelência acadêmica é um “processo de avaliação socialmente situado” (Perrenoud, 2003), uma vez que a definição institucional de sucesso que um determinado sistema educativo empreende num dado momento deriva das normas da excelência escolar adotadas, sendo que estas são firmadas no currículo em vigor e na avaliação. Independentemente da diversidade das percepções e julgamentos sobre os desempenhos individuais (da escola, dos alunos, das famílias), o julgamento que em última instância acabará por predominar é a definição institucional de sucesso, que tem força de lei (Perrenoud, 1999, 2003). A “polissemia das excelências” (Cortesão et al., 2007) não nubla os efeitos homogeneizadores nos percursos estudantis da sentença avaliativa realizada pela escola, uma vez que “o êxito que conta, em definitivo, na determinação dos destinos escolares é exatamente aquele que a escola reconhece!” (Perrenoud, 1999, p. 36).

Desenho metodológico

De modo a captar os sentidos das trajetórias dos estudantes de excelência, recorreremos ao método de estudo de casos, na vertente de “estudo longitudinal” (Greenwood, 1965), sem que tal signifique perda de abrangência ou impossibilidade na transferibilidade do conhecimento. O estudo de caso é assumido como “estratégia de pesquisa” e fazemos utilização de evidências quantitativas e qualitativas. Compartilhamos a abordagem de Yin de que “os estudos de caso podem incluir as evidências quantitativas, e mesmo a elas ficar limitados. Na verdade, o contraste entre evidências

quantitativas e qualitativas não diferencia as várias estratégias de pesquisa” (Yin, 2005, p. 34). A nossa unidade de observação incide sobre uma amostra de estudantes do ensino superior, distinguidos por mérito escolar em cursos científico-humanísticos do ensino secundário. Trata-se, portanto, de um estudo de caso baseado na “observação de uma sequência em desenvolvimento” (Greenwood, 1965). É comum uma interpretação menos precisa sobre a “arte da investigação com estudos de caso” (Stake, 2007), na medida em que este método é operacionalizado sob o prisma de uma das suas ramificações, o estudo de campo. Na ação de Robert E. Stake, “[o] caso pode ser uma criança. Pode ser uma sala cheia de crianças ou uma mobilização de profissionais para estudar uma situação específica da infância. O caso é um entre outros” (Stake, 2007, p. 17). O nosso caso reporta-se a um conjunto de estudantes de alto desempenho no secundário, que temos vindo a seguir com o objetivo de conhecer os seus percursos no ensino superior. A pesquisa envolve mais de 400 estudantes, mas em específico, este artigo, centra-se num conjunto mais circunscrito a frequentar uma mesma universidade pública portuguesa (n=142), pelo acesso institucional que tivemos à média das classificações obtidas no ensino superior. Este artigo faz também recurso a alguns depoimentos recolhidos em entrevista e inquérito por questionário. Os resultados derivam da seguinte sequência metodológica: i) Seleção de três escolas públicas com ensino secundário do norte de Portugal continental, de acordo com os seguintes critérios: natureza organizacional da escola pública (agrupada e não agrupada), assinatura e tipo de contrato de autonomia (existência de contrato e tipo de contrato), posicionamento nos *rankings* escolares (abaixo da 100.^a posição), implementação de mecanismos de distinção (tipo de distinção praticado); ii) análise dos registos biográficos dos alunos com as mais altas classificações, referentes aos anos letivos de 2011/12, 2012/13 e 2013/14; iii) localização dos estudantes no par curso/instituição, tendo como base dados disponibilizados *online* pela Direção-Geral do Ensino Superior; iv) obtenção da média das classificações das unidades curriculares realizadas pelos alunos que frequentavam à data (6 de janeiro de 2017) diferentes cursos numa universidade pública portuguesa do norte de Portugal continental (n=142); v) sistematização dos dados recolhidos na ferramenta informática de análise quantitativa *IBM SPSS Statistics*; vi) administração de inquérito por questionário (n=411); vii) realização de entrevistas a casos paradigmáticos (n=11).

Traços sociográficos dos estudantes

O perfil sociográfico dos 142 estudantes que compõem a amostra deste estudo evidencia como traço dominante uma maior percentagem de alunas (56,3%) (cf. quadro 1), em linha com a crescente taxa de feminização no sistema escolar em Portugal.

No ensino secundário a escolha da grande maioria dos estudantes recaiu na área científica das Ciências e Tecnologias (87,3%) e fica patente o distanciamento dos estudantes face às outras áreas que integram os cursos científico-humanísticos — Línguas e Humanidades (7,7%), Ciências Socioeconómicas (2,8%) e Artes Visuais (2,1%) —, com óbvias repercussões sobre os percursos (seletivos) no ensino superior (cf. quadro 1). Como já referenciamos anteriormente, os estudantes ingressam neste nível de ensino em áreas científicas com reconhecimento social desigual, conferido ou pelas saídas profissionais a que dão acesso, ou pelo prestígio e valor simbólico acumulado, a que não é alheio o perfil social da procura, no processo de estratificação interna no ensino superior (Machado et al., 2003). O realce dado às Ciências e Tecnologias no ensino secundário é demonstrativo do valor que estudantes e famílias atribuem a esta área científica, como aquela que oferece um conjunto mais alargado de escolhas futuras, principalmente aquando da candidatura ao ensino superior (Vieira, 2014). A desvalorização das humanidades e das ciências sociais está associada ao prisma estrutural como resultado de sistemas educativos superintendidos por políticas educacionais de matriz economicista, coligados com as pretensas necessidades produtivas à escala global e de empregabilidade, numa hierarquização do conhecimento (Afonso, 2015).

Quadro 1
Traço sociográfico

Sexo	Feminino	56,3
	Masculino	43,7
Área científica	Artes Visuais	2,1
	Ciências e Tecnologias	87,3
	Ciências Socioeconómicas	2,8
	Línguas e Humanidades	7,7
Grau do curso	Licenciatura (1.º ciclo)	31,0
	Mestrado integrado	69,0

Fonte: Borges (2021), adaptado

Contemplar na análise dos trajetos escolares as desigualdades sociais de classe é algo transversal aos estudos sociológicos. É importante ter em atenção o modo como o investigador operacionaliza a medição. Se quanto aos “indicadores socioeducacionais”, em consequência dos graus instituídos, há um consenso alargado, já sobre os “indicadores socioprofissionais” vigora o não consenso, plasmado em diferentes tipologias (Machado et al., 2003). Quanto a estes últimos indicadores, adotamos na

nossa investigação a tipologia ACM (Almeida, Costa e Machado) que assenta em duas grandes matrizes: i) O “indicador individual de classe” e a relação entre a profissão e a situação na profissão; e (ii) o “indicador familiar de classe (categorias de classe para os grupos domésticos)”, firmada no critério da dominância ou da conjugação, abrangendo a situação na profissão de ambos os sexos (Machado et al., 2003).

Os resultados salientam o impacto das condições familiares de origem que ainda subsiste no condicionamento da excelência académica. Tendencialmente, estamos diante estudantes portadores de uma base familiar favorável, facilitadora do “processo de aclimatização” à cultura escolar (Torres & Palhares, 2016). Mais de 60% dos estudantes são pertencentes aos dois grupos familiares de maiores recursos (cf. figura 1), e a maioria tem pais com formação superior, 53,8%, no caso da mãe e 44,8%, no caso do pai (cf. figura 2). O padrão reprodutor, uma tendência há muito diagnosticada (Machado et al., 2003) verifica-se, mas é acentuada no caso concreto de alunos com desempenho escolar de excelência.

A este perfil surge um outro de mobilidade social, com aproximadamente 30% da amostra situada nas categorias de classe portadoras de menores recursos, cujos pais exercem profissões de menor prestígio social, na área da indústria, comércio, agricultura e pescas (cf. figura 1), com habilitações até ao 9.º ano de escolaridade ou equivalente (29,0%, no caso da mãe e 31,9%, no caso do pai) (cf. figura 2), o que traduz um fenómeno que vai além das lógicas deterministas da reprodução social, já sublinhada por Bourdieu e Passeron (1964) e Lahire (1995).

A contratendência na excelência académica e os contornos sociológicos associados, constitui do nosso ponto de vista, um interessante objeto de estudo na busca pelos aspetos escolares e extraescolares que capacitam estudantes que, à partida, estariam de fora deste circuito mais seletivo. A identificação de alunos de condição socioeconómica e cultural menos favorável que alcançam classificações de 18, 19 e 20 valores testemunha as possibilidades em se poder contraditar um destino social predeterminado pela origem social e cultural, ou nas palavras de Jaquet (2014) e Jaquet e Bras (2018), um fenómeno de fabricação de transclasse ou não reprodução. No entanto, o exercício de contratendência faz-se com um esforço acrescido pelos estudantes de origens sociais menos favorecidas. É o caso da entrevistada Antónia, filha de pai carpinteiro e mãe empregada de balcão, distinguida no quadro de excelência de uma escola pública portuguesa que, nos dois últimos anos de escolaridade, trabalhou numa empresa de embalamento de tomate, no intento de conseguir algum dinheiro para as suas “coisinhas”. É um exemplo do quanto é difícil o fenómeno de fabricação de transclasse na obtenção da excelência académica. Antónia refere o seguinte:

Ao longo do meu percurso escolar fiz trabalho temporário. Era só depois das aulas, a partir das 18h00 até à meia-noite e não era todos os dias. Por necessidade económica também e para criar alguma independência, ao menos tinha dinheiro para as

minhas coisinhas. Foi muito útil, não pelo trabalho em si, mas pela gestão da minha vida. É muito importante saber o que custa as coisas, há que lutar e trabalhar para isso (Antónia, 22 anos, curso de Psicologia, 4.º ano).

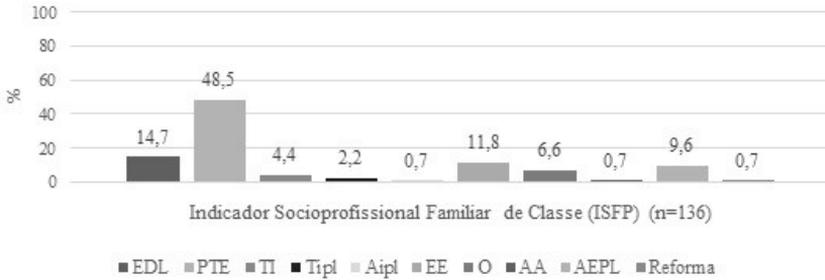


Figura 1

Indicador Socioprofissional Familiar de Classe

Legenda EDL - Empresários, dirigentes e profissionais liberais; PTE - Profissionais técnicos e de enquadramento; TI - Trabalhadores independentes; Tipl - Trabalhadores independentes pluriativos; Aiapl - Agricultores Independentes Pluriactivos; EE - Empregados executantes; O - Operários; AA - Assalariados Agrícolas; AEPL - Assalariados Executantes Pluriactivos
 Fonte: Borges (2021), adaptado

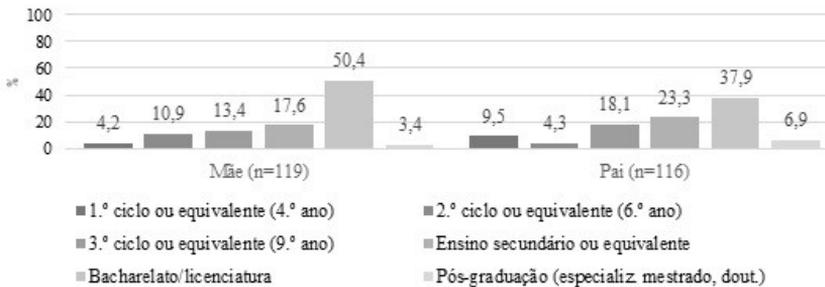


Figura 2

Nível de escolaridade da mãe e do pai

Fonte: Borges (2021), adaptado

A ideologia meritocrática veiculada nas instituições escolares apresenta-se como fator de mobilidade social e de incentivo para que os estudantes se dediquem aos estudos, associada à mensagem de que o empenho, a ambição, o trabalho árduo trará recompensas profissionais e de prestígio social no futuro. Esta mensagem inscrita no sistema educativo traduz a definição comumente aceite de sociedade meritocrática, em que as recompensas são distribuídas aleatoriamente e imparcialmente, segundo o talento individual. No entanto, como várias pesquisas no campo das ciências sociais

têm mostrado, esta definição de sociedade meritocrática ignora os elementos não meritocráticos inscritos na mesma e que continuamente subsistem e que colocam em causa a ideia benévola da prevalência da imparcialidade e da igualdade de oportunidades na sociedade meritocrática, e, conseqüentemente, na escola. Os elementos não meritocráticos, como a rede de relações sociais de base familiar, o conhecer as pessoas certas nos locais distintivos, os bens económicos da família, a valorização na comunidade do “nome de família”, importam na sociedade meritocrática e enformam os percursos dos indivíduos, e neste, caso, as trajetórias escolares.

As escolhas escolares no ensino superior: *Orientação pelo prestígio*

Terminado com mérito escolar o ensino secundário, as escolhas de percurso no ensino superior mostram um afastamento dos estudantes em relação a determinadas áreas de estudo, como Direito, Ciências Sociais e Serviços (9,2%), Ciências (7,7%), Economia, Gestão e Contabilidade (4,2%) e Arquitetura, Artes Plásticas e Design (3,5%) (cf. figura 3). Esta situação não é surpresa, uma vez que a esmagadora maioria (87,3%) dos “melhores alunos”, na transição do ensino básico para o ensino secundário, optam pelo curso científico-humanístico de Ciências e Tecnologias. Ainda assim, a desvalorização causa inquietação relativamente ao desenvolvimento futuro destes campos científicos, num movimento mais amplo de desacreditação do conhecimento humanístico como fonte de “legitimidade mercantil” (Afonso, 2015) e de ataque ao ensino superior como um “bem público”, observável na centralidade do valor económico e em dinâmicas de privatização na gestão, investigação, currículo, ensino e partilha de conhecimento.

Dos 142 estudantes nenhum frequenta cursos das áreas de estudos de Agricultura e Recursos Naturais, Ciências da Educação e Formação de Professores, Educação Física, Desporto e Artes do Espetáculo. A área de estudo das Humanidades, Secretariado e Tradução está ausente nos quinze cursos com maior procura social. As escolhas dos alunos excelentes dirigem-se, fundamentalmente, aos mestrados integrados (69%) das Tecnologias (39,4%) e da Saúde (34,5%) e aos cursos de Medicina (27,5%), Engenharia Informática (11,3%) e Engenharia Mecânica (9,2%) (cf. figura 4). Subjacente às opções escolares, parecer estar uma “orientação pelo prestígio” (Balsa et al., 2001), como busca pelo distintivo na carreira profissional futura.

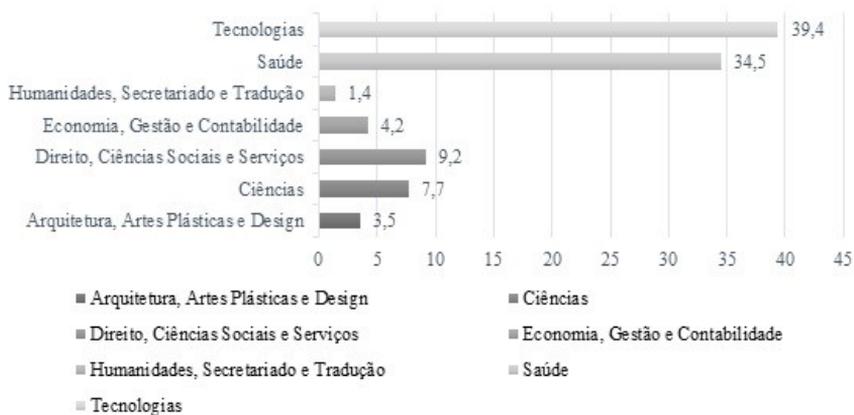


Figura 3

Distribuição dos elementos da amostra (n=142), segundo a área de estudos no ensino superior

Fonte: Borges (2021), adaptado

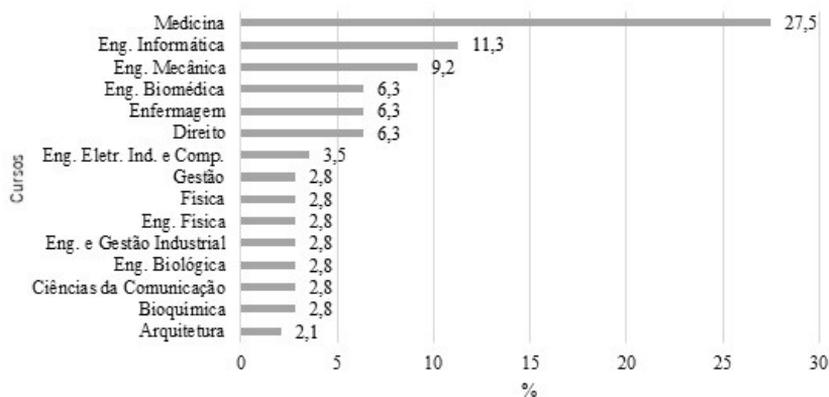


Figura 4

Os 15 cursos com maior percentagem de elementos da amostra

Fonte: Borges (2021), adaptado

Evolução do desempenho académico: *A descida do pódio*

A observação das classificações obtidas no ensino superior dá a conhecer uma quebra no desempenho académico dos estudantes distinguidos no ensino secundário. De uma média final do secundário de 18,3 valores, classificação afastada da respetiva média em 0,8 valores, pela homogeneidade do desempenho, os elementos da amostra obtêm no ensino superior uma classificação média de 14,5 valores, com um desvio-padrão de 1,6 valores. A *décalage* é, em média, de 4,0 valores (cf. figura 5).



Figura 5
Evolução da classificação média obtida

Fonte: Borges (2021), adaptado

Nas três áreas de estudos com maior número de elementos verificamos que os estudantes dos cursos da área da saúde (n=49) obtêm em média 14,2 valores, uma diminuição de 4,7 valores face ao registado no final do secundário (18,9 valores), os estudantes dos cursos de Tecnologias (n=56) alcançam em média 14,9 valores, uma diminuição de 3,1 valores e os estudantes de Direito, Ciências Sociais e Serviços (n=13) protagonizam um hiato de 4,5 valores, de 17,9 valores para 13,5 valores (cf. quadro 2).

Quadro 2

Classificação final de ensino secundário e a classificação de ensino superior, segundo a área de estudos

Área de estudos	Média final do secundário	Média no superior
Tecnologias (n=56)	18,0	14,9
Saúde (n=49)	18,9	14,2
Direito, Ciências Sociais e Serviços (n=13)	17,9	13,5

Fonte: Borges (2021), adaptado

Se tivermos em consideração os seis cursos com maior procura social, observamos que a descontinuidade entre o estatuto de excelência no secundário e o desempenho académico no superior, apesar de transversal, regista maior incidência nos cursos de Medicina e de Direito, dois dos cursos mais prestigiados do sistema de ensino superior. Em média, os estudantes que frequentam estes cursos estão a alcançar menos 5 valores em comparação com a média final do secundário (Medicina, de 19,1 valores para 14,0 valores, Direito de 18,0 valores para 14,0 valores). A descida no pódio da excelência académica transparece nos restantes cursos, num intervalo de escala mais reduzido (Engenharia Informática, variação negativa de 3,2 valores, Engenharia Mecânica, variação negativa de 3,1 valores, Engenharia Biomédica, variação negativa de 3,2 valores e Enfermagem, variação negativa de 3,1 valores) (cf. quadro 3). Esta descontinuidade é aleatória à variável sexo, pois não há evidências estatísticas que identifiquem diferenças em termos da classificação média alcançada pelos rapazes e raparigas (sexo feminino, média, 14,53 valores, desvio-padrão de 1,39 valores, sexo masculino, média, 14,52 valores, desvio-padrão de 1,78 valores) (cf. quadro 4).

Quadro 3

Classificação final de ensino secundário e a classificação de ensino superior, segundo o curso superior

Curso	% (Do total da amostra) n=142	Ens. Sec. (Média final)	Ens. Sup (Média em curso)	Varição
Medicina	27,5	19,1	14,0	- 5,1
Engenharia Informática	11,3	18,1	14,9	- 3,2
Engenharia Mecânica	9,2	17,9	14,8	- 3,1
Engenharia Biomédica	6,3	18,3	15,1	- 3,2
Enfermagem	6,3	17,8	14,7	- 3,1
Direito	6,3	18,0	13,0	- 5,0

Fonte: Borges (2021), adaptado

Quadro 4

Média no ensino superior, segundo a variável sexo

	Feminino (n=80)	Masculino (n=62)
Média	14,53	14,52
Desvio-padrão	1,39	1,78

Fonte: Borges (2021), adaptado

A diminuição do desempenho académico no contexto do ensino superior parece resultar de um conjunto de fatores que estão para além da mera trajetória no ensino secundário. Alguns estudos mostram que a transição e a experiência no ensino superior constituem um período exigente em termos de adaptação a novas pessoas, familiaridades, liberdade quotidiana e “redefinição do ofício de estudante”, aspetos de rutura com o trajeto escolar precedente. O ingresso neste nível de ensino conduz a uma vivência educativa que não encontra paralelo comparativamente aos níveis de ensino a montante, potenciando ruturas no campo de atuação dos estudantes de risco a uma adaptação bem conseguida, nos domínios psicológico, pedagógico e institucional.

Ao longo do trajeto no secundário, estes estudantes foram dignos representantes do protótipo de excelência, marcaram assento em rituais cerimoniais, partilharam a distinção com familiares e amigos. A quebra do desempenho académico no ensino superior constitui um “forte abalo” para estudantes que experienciaram na trajetória escolar antecedente num sistema educativo que os reconheceu e promoveu como “os talentosos”, “a elite escolar”, “os merecedores do Quadro de Excelência”, “as mentes brilhantes”, “o exemplo da qualidade educacional da escola”.

Os depoimentos dos estudantes revelam sentimentos de estupefação, frustração e desânimo com o percurso estudantil no ensino superior e o hiato face ao *status* de aluno modelo conquistado no ensino secundário. É observável nos depoimentos dificuldades de adaptação à Universidade, queixumes sobre o trabalho académico e incerteza quanto ao futuro:

Passei de aluno de ótimos resultados para um aluno algo banal
[Estudante do sexo masculino no curso de Engenharia do Ambiente]

Nunca na minha vida tinha tirado uma nota abaixo de 14 valores
[Estudante do sexo masculino no curso de Engenharia Mecânica]

Os primeiros anos de faculdade foram absolutamente medíocres
[Estudante do sexo feminino no curso de Direito]

Não esperava ficar retida dois anos por falta de aproveitamento
[Estudante do sexo feminino no curso de Engenharia Física]

Não estava à espera que a diferença de resultados fosse tão grande
[Estudante do sexo masculino no curso de Engenharia Mecânica]

Era uma aluna de excelência no ensino secundário e o meu aproveitamento desceu a pique [Estudante do sexo Feminino no curso de Direito]

Carga horária de estudo muito elevada deixei algumas unidades curriculares para trás
[Estudante do sexo masculino no curso de Ciências Farmacêuticas]

Pior desempenho acadêmico do que seria de esperar
[Estudante do sexo feminino no curso de Design de Produto]

As classificações não correspondem às alcançadas no ensino secundário
[Estudante do sexo feminino no curso de Medicina]

Conclusão

A escola pública tem vindo a dar uma maior visibilidade aos “melhores alunos”, seja pelos cerimoniais da distinção acadêmica que promove, seja pelos diplomas e prémios de mérito que atribui. A ritualização da excelência acadêmica, por via da premiação do mérito dos alunos, tem vindo a reforçar a ideia de que nem todos os alunos têm a inteligência ou o talento para atingir o topo, num processo de promoção exacerbada da combinação esforço/talento como meio de produção do mérito escolar. A ideia de que todos, sem exceção e independentemente das condições de partida, podem atingir elevados desempenhos, a efetivar-se, terminaria com a estrutura ritualística instalada, que se esvaziaria de sentido. A seleção pelos resultados tem sido, historicamente, uma das funções fundamentais da escola; contudo, na atualidade, assiste-se a uma crescente visibilidade pública “dos melhores”, para fins de autopromoção institucional, num “malabarismo” para salvar aparências (Perrenoud, 2003) e que se consubstancia num ato de “gestão da impressão”. O malabarismo institucional na busca da melhor imagem da escola, promovida nas redes sociais e nos meios de comunicação social, tem vindo colateralmente a reforçar no interior da escola, em professores, alunos e pais, uma conceção da meritocracia escolar fundada na competição, no utilitarismo e no individualismo. A dinâmica performativa produz “os melhores alunos”, fiéis depositários das mais altas expectativas, “protegidos” em admiração, reconhecimento, motivação, numa excelência institucionalizada para memória futura.

Este artigo, ao analisar o percurso académico e a transição para o ensino superior dos alunos do “Quadro de Excelência” do ensino secundário, evidencia que a excelência conquistada se revelou temporária e desfasada dos padrões de excelência exigidos no ensino superior. Naqueles que o sistema educativo reconheceu institucionalmente como os “mais talentosos” e “mais inteligentes”, instalou-se o medo do desconhecido, a ansiedade, as dificuldades em descolar do arquétipo da excelência do passado, as dificuldades na gestão do tempo, em lidar com a pressão, o *stress* e as expectativas criadas por outros. A conceção da excelência que se tem vindo a desenvolver no ensino secundário, indutora de hábitos de agir e de aprender individualizados, escolarizados e pouco autónomos, torna-se desajustada a contextos que exigem maior autonomia, mais sentido crítico e autocrítico, mais capacidade de reprogramação das estratégias de aprendizagem e de cooperação interpares. Estas descontinuidades nas

trajetórias estudantis dos “antigos alunos de excelência” não deixam de interpelar a “missão” das instituições de ensino não superior e superior. Com efeito, a prevalência de uma narrativa unidimensional da excelência, fortemente sustentada em lógicas “resultadistas”, pode gerar equívocos nas expectativas dos jovens, comandadas pela ideia de que o seu *ethos* performativo constitui a fórmula de sucesso no ensino superior e no mercado de trabalho. Ora, estudos recentes vêm sinalizando algumas tensões e contradições entre estes vários contextos, pondo em evidência descontinuidades e ruturas cuja análise será objeto de futuras publicações.

Agradecimentos

Este trabalho é financiado pelo CIEd - Centro de Investigação em Educação, Instituto de Educação, Universidade do Minho, projetos UIDB/01661/2020 e UIDP/01661/2020, através de fundos nacionais da FCT/MCTES-PT

Referências

- Afonso, A. J. (2015). A educação superior na economia do conhecimento, a subalternização das ciências sociais e humanas e a formação de professores em questão. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)*, 20(2), 269-291.
- Balsa, C., Simões, J. A., Nunes, P., Carmo, R., & Campos, R. (2001). *Perfil dos estudantes do ensino superior: Desigualdades e diferenciação*. Edições Colibri/CEOS.
- Borges, G. (2021). *Da Excelência no Ensino Secundário à (Ir)regularidade Académica no Ensino Superior: (Des)continuidades de Percursos de Alunos Distinguidos na Escola Pública Portuguesa*. IE-UMinho, Tese de doutoramento em Ciências da Educação, especialidade em Sociologia da Educação e Política Educativa.
- Bourdieu, P., & Passeron, J.-C. (1964). *Les Héritiers. Les étudiants et la culture*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Cortesão, L., Stoer, S., Magalhães, A., Antunes, F., Nunes, R., Macedo, E., . . . Araújo, D. (2007). *Na girândola de significados: Polisssemia de excelências em escolas portuguesas do século XXI*. Livpsic.
- Duru-Bellat, M. (2010). L'école et les ambivalences du mérite. *Revista Portuguesa de Pedagogia* (30 anos), 25-32.
- Feigenbaum, P. (2021). Telling students it's o.k. To fail, but showing them it isn't: Dissonant paradigms of failure in higher education. *Teaching and Learning Inquiry*, 9(1), 13-27.
- Greenwood, E. (1965). Métodos de investigação empírica em sociologia. *Análise social*(11), 313-345.
- Hernández i Dobon, F. J., & Martínez Morales, I. (2014). Excelencia académica. In A. Teodoro & J. Beltrán (Orgs.), *Sumando voces: Ensayos sobre educación superior en términos de igualdad e inclusión social* (pp. 353-358). Miño y Dávila editores.
- Jaquet, C. (2014). *Les transclasses ou la non-reproduction*. PUF.

- Jaquet C., & Bras G. (2018). *La fabrique des transclasses*. PUF.
- Lahire, B. (1995). *Tableaux de familles. Heurs et malheurs scolaires en milieux populaires*. Seuil/Gallimard.
- Lima, L. C. (2005). Escolarizando para uma educação crítica: A reinvenção das escolas como organizações democráticas. In A. Teodoro & C. A. Torres (Orgs.), *Educação Crítica e Utopia. Perspectivas para o Século XXI* (pp. 19-31). Edições Afrontamento.
- Lima, L. C. (2011). Políticas educacionais, organização escolar e trabalho dos professores. *Educação: Teoria e Prática*, 21(38), 1-18.
- Machado, F. L., Costa, A. F. d., Mauritti, R., Martins, S. d. C., Casanova, J. L., & Almeida, J. F. d. (2003). Classes sociais e estudantes universitários: Origens, oportunidades e orientações. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 66, 45-80.
- Mijs, J. J. B. (2016). The Unfulfillable Promise of Meritocracy: Three Lessons and Their Implications for Justice in Education. *Social Justice Research*, 29(1), 14-34.
- Perrenoud, P. (1999). *Avaliação. Da excelência à regulação das aprendizagens: Entre duas lógicas*. Artmed Editora.
- Perrenoud, P. (2003). Sucesso na escola: Só o currículo, nada mais que o currículo. *Cadernos de pesquisa*, 119, 7-26.
- Stake, R. E. (2007[1995]). *A arte da investigação com estudos de caso* (A. M. Chaves, Trad.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Torres, L. L., & Palhares, J. A. (Orgs.). (2014). *Entre mais e melhor escola em democracia. A inclusão e a excelência no sistema educativo português*. Mundos Sociais.
- Torres, L. L., & Palhares, J. A. (2016). Escalando o pódio: A performatividade acadêmica no ensino secundário. In M. G. Alves, L. L. Torres, B. Dionísio, & P. Abrantes (Orgs.), *A Educação na Europa do Sul. Constrangimentos e Desafios em Tempos Incertos* (pp. 615-640). Associação Portuguesa de Sociologia.
- Torres, L. L., Palhares, J. A., & Afonso, A. J. (2019). The distinction of excellent students in the Portuguese state school as a strategy of educational marketing accountability [Review]. *Educational Assessment, Evaluation and Accountability*, 31(2), 155-175.
- Torres, L. L., Palhares, J. A., & Borges, G. (2017). A excelência acadêmica na escola pública portuguesa: Tendências e especificidades. In L. L. Torres & J. A. Palhares (Orgs.), *A excelência acadêmica na escola pública portuguesa* (pp. 87-106). Fundação Manuel Leão.
- Vieira, M. M. (2014). A fabricação da entrada em Medicina. Tensões, dilemas e suportes. In L. L. Torres & J. A. Palhares (Orgs.), *Entre Mais e Melhor Escola em Democracia. Inclusão e Excelência no Sistema Educativo Português* (pp. 49-67). Editora Mundos Sociais.
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: Planejamento e métodos* (D. Grassi, Trad.; 3.ª ed.). Bookman. (Case study research: design and methods).

Germano Borges

Sociólogo, Professor Auxiliar no Departamento de Psicologia e Educação da Universidade Portucalense Infante D. Henrique.

Professor Convidado equiparado a Professor Auxiliar no Departamento de Ciências Sociais da Educação do Instituto de Educação da Universidade do Minho (IE-UM)

E-mail: germano.borges@upt.pt

ORCID: 0000-0001-5033-7996

Leonor Lima Torres

Socióloga, Professora Associada com Agregação no Departamento de Ciências Sociais da Educação do Instituto de Educação da Universidade do Minho (IE-UM) e investigadora integrada do Centro de Investigação em Educação (CIEd) da mesma Universidade.

E-mail: leonort@ie.uminho.pt

ORCID: 0000-0003-4316-4462

Correspondência

Germano Borges

Universidade Portucalense

Rua Dr. António Bernardino de Almeida, 541

4200-072 Porto